



RISCOS

territorium 30 (I), 2023, 171-173

journal homepage: <https://territorium.riscos.pt/numeros-publicados/>

DOI: https://doi.org/10.14195/1647-7723_30-1_18

Recensão / Review



LES 33 QUESTIONS AUXQUELLES ILS N'ONT TOUJOURS PAS RÉPONDU

171

Romero Bandeira

Coordenador do Grupo de Medicina de Catástrofe da RISCOS (Portugal)
ORCID 0000-0001-5444-4297 romero.bandeira@uc.pt

As 33 perguntas às quais Eles ainda não responderam. Este foi o título do terceiro livro do Professor Christian Perronne, publicado em Novembro de 2022 (fig 1c), na sequência de outros dois, intitulados respectivamente *Décidément, ILS n'ont toujours rien compris!*, dado à estampa em Abril de 2021 (fig 1b) e um outro com o título *Y a-t-il une erreur qu'ILS n'ont pas commise?*, em Junho de 2020 (fig 1a).

O Professor Perronne foi durante 26 anos chefe do serviço de doenças infecciosas no Hospital de Garches. Ex-Professor Universitário, é médico e especialista em virologia.

Antigo “expert” junto da OMS - Organização Mundial da Saúde, viu censurada a sua postura muito crítica sobre a gestão da crise sanitária da COVID-19, o que nunca o interditou de exercer, nem julgado culpável de difamação por um tribunal; persiste e assina este novo livro, pese embora o facto de aquando do lançamento do primeiro livro aqui citado o Conselho Nacional da Ordem dos Médicos ter aberto um processo contra ele.

Com clareza meridiana, expressa uma posição heterodoxa acerca dos procedimentos havidos durante a epidemia COVID-19, mas alicerçada num raciocínio científico coerente.

O Livro que tem 178 páginas está escrito num francês actual e de compreensão simples.

Assim resolvemos elencar as 33 questões que Perronne coloca, as quais não estão agrupadas em capítulos mas expostas de uma forma clara, perguntas essas que todos nós, *mutatis mutandis*, colocamos a nós próprios, durante e pós-pandemia. Não traduzimos as perguntas, não só para não desvirtuarmos o pensamento do autor mas também porque facilmente se pode recorrer a um tradutor digital.

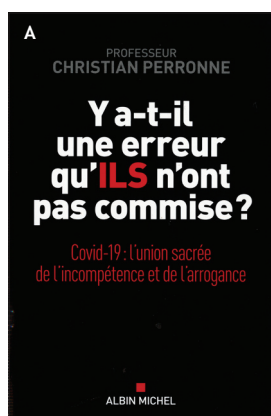


Fig. 1 - Frontispício de obras do Professor Christian Perronne acerca do COVID-19.

Fig. 1 - Frontispiece of books of the Professor Christian Perronne about COVID-19.

Na impossibilidade de analisarmos todas as questões ponto por ponto vamos procurar reflectir sobre algumas, das que Perronne coloca, secundados por opiniões de outros autores que directa ou indirectamente abordaram a Covid-19, que no dizer do autor no seu livro, publicado em Junho de 2020, atrás citado, vem a ser a “*união sagrada da incompetência e da arrogância*”.

Questões elencadas:

Question 1: Comment les médias vous ont-ils traité?

Question 2: Qu´avez-vous fait pour mériter ça?

Question 3: Trois ans après le début de la crise, que s´est-il passé?

Question 4: Le Conseil scientifique et moi: pourquoi tant d´acrimonie?

Question 5: Ont-ils fait mieux ailleurs (au pas!)?

Question 6: Pourquoi l´OMS a-t-elle été en dessous de tout?

Question 7: Le président s´est-il arrogé les pleins pouvoirs?

Question 8: Depuis 2020, la démocratie a-t-elle progressé?

Question 9: Votre bilan du passe sanitaire?

Question 10: Les ministres ont-ils perdu la tête pendant cette crise?

Question 11: Le gouvernement a-t-il entravé la mission des soignants?

Question 12: A-t-on fabriqué des parias de la société?

Question 13: Le gouvernement nous a-t-il menti concernant la vaccination?

Question 14: Au fait, nous a-t-on tout dit sur les vaccins?

Question 15: L´hydroxychloroquine, qu´est-ce que ça vaut?

Question 16: Comment la Chine, là où tout a commencé, s´en est-elle sortie?

Question 17: Emmanuel Macron a-t-il fragilisé les institutions?

Question 18: Après trois ans de pandémie, peut-on considérer que les laboratoires sont dignes de confiance?

Question 19: Y a-t-il des alternatives au vaccin pour soigner le Covid?

Question 20: Le gouvernement a-t-il tenu les promesses qu´il avait faites aux Français?

Question 21: Combien nous a coûté ce virus?

Question 22: Quel rôle ont joué les cabinets de conseil dans la gestion de cette crise?

Question 23: Les lobbies ont-ils eu une influence?

Question 24: Certains réseaux puissants ont-ils profité de ces événements?

Question 25: Qui est Andrew Hill et en quoi est-il un contre-exemple en ces temps de crise sanitaire?

Question 26: Comment le gouvernement s´est-il occupé de nos vieux parents?

Question 27: Le ministre de la Santé a-t-il abandonné les étudiants?

Question 28: A-t-on (bien) prise en charge les personnes fragiles?

Question 29: Les gouvernants peuvent-ils être poursuivis pour leur gestion de la crise?

Question 30: Les autorités sanitaires nous ont-elles tout dit?

Question 31: La crise a-t-elle accentué les inégalités entre les riches et les pauvres?

Question 32: La crise a-t-elle impacté la condition de la femme dans le monde?

Question 33: Nos dirigeants sont-ils déconnectés de la réalité?

Assim,

Na Questão 3, aborda a incongruência de algumas medidas, nomeadamente que “*nestes três anos de gestão da crise sanitária pelo Estado francês os escândalos sucederam-se, alimentados por uma desinformação científica que marcará a História da Medicina*”. Claro, que de acordo com Jean Faucher (1965) no seu livro *les clubs politiques*, refere que estas organizações representam “*a França subterrânea*” e que actuam o mais discretamente possível, podendo não ser estranhos, hodiernamente, a algumas acções não devidamente esclarecidas.

Na Questão 5, acentua a falência da gestão da crise citando o Instituto Lowy australiano, organismo independente que colocou a França em 78º lugar, em 93 países estudados. No seu livro *Épidémies* o Prof. Didier Raoult (2020), aconselha uma visita ao “site Our World in Data”, a fim de aquilatarmos da variabilidade de informação em paridade nos meios de comunicação social; ou seja, p. ex. a nível Google, New York Times e Guardian. Niall Ferguson (2021) no seu livro *Doom. The Politics of Catastrophe* “*chama a atenção para o infame malogro das agências governamentais dos EUA cuja única função era a de se incumbirem da defesa biológica*”.

E ... na sua Questão 10, pergunta se os ministros perderam a cabeça durante esta crise, “*uma vez que se pode perguntar se foram assíduos na sua função pois que um bom número entre eles tiveram tempo durante a crise sanitária para escreverem livros*”.

Na interessante Questão 11, acusa Macron d´“emmerder les non-vaccinés” ao interditar a 15 de Setembro de 2021, esses prestadores de cuidados de saúde de trabalhar, enquanto que pessoal vacinado é autorizado a trabalhar, mesmo testando positivo. Procurando esclarecer num livro já publicado em 2016 intitulado *Arretons d´avoir Peur!* o Pr Didier Raoult escreve que o Homem é uma selva de micróbios, contando pelo menos com 100 vezes mais de bactérias do que de células humanas e que no seio dum mesmo país, p. ex. Arábia Saudita, os urbanos e os Beduínos não têm o mesmo ecossistema intestinal. Porém o homem procura afinar cada vez mais os seus conhecimentos que lhe permitirão vir a curar numerosas doenças; tenhamos esperança na sua capacidade inventiva.

Arrizabalaga e Yuste (2019) no seu livro *Eso NO ESTABA em mi LIBRO de Historia de la Medicina*, esclarecem-nos que a varíola produziria a sua última vítima mortal em 11 de Setembro de 1978. Foi a fotógrafa Janet Parker, de 40 anos, que trabalhava no Departamento de Anatomia da Escola Médica de Birmingham apesar de ter sido vacinada em 1966.

As vacinas não são uma panaceia universal como se sabe. Na Questão 13 e invocando a sua qualidade de ter sido vice-Presidente do Grupo Étage da OMS, constituído por peritos encarregados de elaborar a política vacinal da OMS para a Europa, incluindo os Países da Europa do Norte e de Leste, a Rússia, as Repúblicas Russófonas da Ásia Central, a Turquia e Israel, assumiu sempre uma posição incontestada na adesão à vacinação. Porém, explica criteriosamente, que em seu entender que os produtos utilizados na preparação das vacinas COVID-19, não sofreram avaliações científicas rigorosas.

Quando na Questão 14, interroga, se, de facto, nos disseram tudo sobre as vacinas e põe em causa, designadamente, os procedimentos havidos para com as vacinas da Moderna, da Janssen, da Cominarty Pfizer/BioNTech e para a da Astrazeneca. E no livro intitulado *La Vérité sur les Vaccins*, Didier Raoult (2021) esclarece que as decisões baseadas numa extrema urgência e com uma carga emocional de grande esperança acarretam conflitos no campo real; a questão nuclear que se coloca, segundo o mesmo autor não é ser-se pró ou anti vacina, mas sim qual a vacina que é útil, para quem e em que circunstâncias.

Na Questão 15, explora largamente o uso da hidroxicloroquina, que foi amplamente utilizada pelo IHU de Marselha sob a orientação do Prof. Didier Raoult. Este autor, nas suas obras *Au-delà de L'affaire de la Chloroquine* (2021) e *Carnets de Guerre COVID-19* (2021), transmite-nos no primeiro trabalho, que usufruiu de velhos conhecimentos sobre a droga durante a sua vivência em África, que reputa de inocuidade reconhecida, para além de críticas acerbas à indústria farmacêutica. No segundo trabalho evidenciou o escândalo do “Lancet Gate”. Perronne corrobora duma forma sintética mas clarividente, toda esta problemática mormente no plano terapêutico.

Para nós, a Questão 18 é fulcral. Perronne coloca a BigFarma em equação. Aponta questões científicas e éticas. Chama a atenção para práticas pouco recomendáveis e em que nas quais os laboratórios são “useiros e vezeiros”. Claro, que como bem aponta, os laboratórios são empresas privadas cujo fim é o de ganhar dinheiro, com os produtos que fabricam. Porém, os processos são por vezes constestados e contestáveis.

Na Questão 23, pergunta-se se os *lobbies* tiveram influência; e que as negociações entre os vários *lobbies*

foram de uma opacidade total. Temos que entrar em linha de conta com outros autores que corroboraram esta posição, designadamente Vernochet (2020) que no seu livro COVID-19, *Chroniques d'une Pandémie* coloca a questão de um Estado de direito, integralmente policial; refere-se à França, claro, que ao impor um confinamento geral este traduziu-se pelo exemplo dos pequenos comerciantes desgastados pelos encerramentos forçados durante a quarentena geral, em proveito exclusivo da grande distribuição.

Ao ultimarmos esta modesta análise da obra, relevamos a Questão 29, em que é colocada a pergunta se os governantes poderão ser processados judicialmente pela sua gestão da crise, e trás à colação, entre outros exemplos, o caso da Tailândia, que por determinação de 16 de Janeiro de 2022 através da Segurança Social, indemnizou 9551 pessoas em consequências de efeitos secundários devido à vacinação contra o COVID. Cada inválido recebeu 6.584,91€ e cada família que perdeu um vacinado, 10.974,85€. Como sabiamente afirma Jean-Claude Guillebaud (2013) no seu livro *Je n'ai plus peur: “se a verdadeira sabedoria é a de permanecer vivo até ao fim, não há trinta e seis soluções. O único método para atravessar este nó-górdio resume-se em três palavras: habitar sua época”*.

Libelo acusatório científico extremamente bem estruturado, urdido, com notável clarividência e que nos demonstra, que tal como num grande acidente, é no rescaldo do mesmo que se nos colocam as evidências; também neste caso, durante a fase nuclear da epidemia, antolharam-se inúmeras dúvidas, que ainda hoje não estão devidamente esclarecidas.

Livro que deve ser científica e desapassionadamente interrogado e analisado, sabendo todos nós que as concepções ortodoxas e pragmáticas do conhecimento científico, que se plasmam em “protocolos dogmáticos” a seguir, não são por vezes as melhores autovias do caminho científico, porque há que “controverter a habitual tendência dos homens de ciência em confundirem o actualmente em vigor com o definitivamente válido” Lain Entralgo (1978), *in Historia de la Medicina*.

À guisa de conclusão, citamos Claude Bernard, sempre actual, na sua Introdução ao Estudo da Medicina Experimental (1865) mencionado por José Luis Puerta na introdução à edição espanhola da *Philosophy of Medicine. An introduction* (2006): “*Cuando un fenómeno oscuro o inexplicable se presente en medicina, en lugar de decir: no lo sé, como todo científico debe hacer, los médicos acostumban a decir: es la vida, sin querer comprender que no explican una cosa oscura mediante otra aún más oscura*”.

Agradecimento

Ao Comandante Mário Ferreira dos BV S. Pedro da Cova pela colaboração prestada na elaboração do manuscrito digital.